

A análise de conteúdo aplicada a um episódio da seção de cartas
do globo rural

The content analysis applied to an episode of globo rural's letter
section

Clinger Cleir Silva Bernardes¹

Luiz Augusto Coimbra de Rezende Filho²

Resumo

A Análise de conteúdo é uma metodologia de pesquisa no campo das ciências humanas que possibilita a análise das comunicações por meio da formulação de inferências. Neste sentido, o propósito deste artigo é apresentar esta metodologia aplicada à análise de um episódio do jornalístico Globo Rural com o objetivo de compará-lo com as opções editoriais do programa. Pôde-se constatar que se trata de uma metodologia sólida, rigorosa e teoricamente sustentada que possibilita afirmações ou infirmações sobre informações do emissor, do receptor e da própria mensagem constituindo-se como uma excelente estratégia de análise em torno da comunicação de massa.

¹ Professor de Filosofia do Instituto Federal do Espírito Santo - IFES - Campus Piúma. Doutorando em Educação em Ciências e Saúde (PPGECS), do Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde (NUTES) da UFRJ. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2004) e pós-graduação pela mesma instituição em Filosofia Moderna e Contemporânea. Possui ainda pós-graduação em Designer Instrucional para EaD Virtual pela UNIFEI. Tem experiência nas áreas de Filosofia, Educação, Educação a Distância e Informática Educacional. E-mail: clingerjf@gmail.com.

² Professor Associado I do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Saúde do NUTES-UFRJ. É bolsista de produtividade do Cnpq e foi bolsista do programa Jovem Cientista do Nosso Estado (JCNE) da FAPERJ. É docente colaborador credenciado no Programa de Pós-Graduação em Cinema da UFF. Possui graduação em Cinema pela Universidade Federal Fluminense (1995), mestrado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000) e doutorado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005). Foi coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Saúde do NUTES-UFRJ. Foi professor auxiliar do Curso de Cinema da Universidade Estácio de Sá. Tem experiência nas áreas de Educação e Comunicação, com ênfase em Cinema, atuando principalmente nos seguintes temas: documentário, cinema e vídeo educativos, recepção audiovisual, arquivos audiovisuais, educação em ciências e saúde. E-mail: clingerjf@gmail.com.

Palavras-chave: Análise de conteúdo. Globo Rural. Inferência.

ABSTRACT

Content analysis is a research methodology in the field of human sciences that enables the analysis of communications through the formulation of inferences. In this sense, the purpose of this article is to present this methodology applied to the analysis of an episode of the television program Globo Rural with the objective of comparing it with the editorial options of the program. It can be verified that this is a solid, rigorous and theoretically sustained methodology that makes possible affirmations or infirmations about the information of the sender, the receiver and the message itself constituting as an excellent strategy of analysis around the mass communication.

Keywords: Content analysis. Globo Rural. Inference.

Introdução

O analista é como um arqueólogo. Trabalha com vestígios [...] Mas, os vestígios são a manifestação de estados, de dados e de fenômenos. Há mais alguma coisa a descobrir por e graças a eles...
(BARDIN, 2016)

A análise de conteúdo, assim como toda metodologia, está inscrita em um campo de significados muito maior que reflete sobre a construção do conhecimento buscando entender sua fundamentação. À esta reflexão chamamos epistemologia. No entanto, dado o grande número de respostas para a pergunta básica da epistemologia “*Como chegamos ao conhecimento verdadeiro?*”, não é possível se falar em uma epistemologia, mas em epistemologias.

Classicamente, seguindo o apresentado por Esteban (2010) estas epistemologias se dividem em Objetivistas, Subjetivistas e Construcionistas.

É no seio das epistemologias construcionistas que se inscreve a análise de discurso.

Por construcionismo³ entendemos uma tradição epistemológica que se interessa mais pelo significado do que pela verdade. Valoriza mais a interação, o processo ou aquilo que é construído socialmente do que uma realidade dada, um fato ou um objeto. Segundo Esteban, na concepção epistemológica construcionista

O conhecimento é contingente a práticas humanas, constrói-se a partir da interação entre os seres humanos e o mundo, e se desenvolve e é transmitido em contextos essencialmente sociais. O conhecimento se constrói por seres humanos quando interagem com o mundo que interpretam. (ESTEBAN, 2010, p. 51)

Da epistemologia decorrem as perspectivas teóricas, ou seja, um conjunto de teorias que, tendo por base a epistemologia, sustentam todas as práticas de uma determinada área do conhecimento. De acordo com a classificação de Esteban (2010), da epistemologia construcionista vemos surgir três perspectivas teóricas: o interacionismo simbólico, a fenomenologia e a hermenêutica. Esta última sustenta os métodos, as técnicas e os procedimentos de coleta e tratamento de dados da análise de conteúdo.

Por hermenêutica, numa perspectiva reducionista, entende-se “qualquer técnica de interpretação” (ABBAGNANO, 2000, p. 497). Sua origem remonta aos estudos bíblicos que buscavam entender os sinais presentes no texto sagrado. Inspirada na *Sola Scriptura* protestante, é no seio desta vertente religiosa do cristianismo que a hermenêutica se solidifica enquanto princípio teórico-metodológico principalmente pela contribuição do pregador e teólogo Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (Breslau, 21 de novembro de 1768 — Berlim, 12 de fevereiro de 1834). Segundo Schleiermacher a hermenêutica é a “arte de compreender corretamente o discurso do outro, predominantemente o escrito” (2005, p. 87).

³ Cabe ressaltar a diferença significativa entre o construcionismo e o construtivismo. O construtivismo trata de estágios de desenvolvimento mental de cada indivíduo sem maior destaque para a interação social como construtora de significados também sociais.

O avanço das comunicações e das modalidades de texto possibilitaram uma ampliação do entendimento da hermenêutica. Sendo assim, a noção de texto predominantemente escrito se esvai quando se fala de uma hermenêutica da mídia televisiva, das artes, da música ou do cinema, mas ainda continua a influenciar a metodologia, sendo em muitos casos as transcrições a base de toda hermenêutica.

Referencial Teórico: a análise de conteúdo francesa.

A análise de conteúdo se inscreve como uma metodologia hermenêutica mais voltada para o campo das comunicações. Originariamente estadunidense e com um forte apelo de interpretação de relações político-partidárias, dedicava-se a analisar as questões políticas veiculadas pelos jornais, discursos e cartas. Na França, nação de oposições políticas históricas, encontrou terreno fértil e se desenvolveu a princípio como uma tentativa de dar cientificidade às ciências humanas. Encontra em Lawrence Bardin⁴ sua grande expoente na análise de conteúdo francesa e na obra *Análise de conteúdo* de 1977 seu grande arcabouço teórico. Em nossa análise, a obra ainda sofre forte influência de uma tentativa de levar o positivismo para o seio das ciências humanas, apesar da autora, em sua crítica a Berelson deixar clara sua insatisfação quanto ao apego aos dados e a quantificação. De acordo com a autora,

A definição de análise de conteúdo dada por Berelson, há cerca de vinte anos, continua sendo o ponto de partida para as explicações que todos os principiantes reclamam, a qual ele classificou do seguinte modo: "uma técnica de investigação que através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações": Os analistas principiantes debitam de boa vontade as famosas regras, às quais devem obedecer as categorias de fragmentação da comunicação para que a análise seja válida, embora essas regras sejam, de fato, raramente aplicáveis. (BARDIN, 2016, p. 42)

No entanto, Bardin (2016) continua sendo leitura essencial para o entendimento da análise de conteúdo, por sua capacidade de detalhamento

⁴ Professora do curso de Psicologia da Université Paris V - Descartes

da metodologia nos mais diversos contextos e por sua ampla experiência usando a análise de conteúdo para uma pesquisa sobre as comunicações telefônicas na França. No decorrer desta seção, caminharemos com o texto de Bardin (2016) em sua versão revista e ampliada, mas buscaremos atualizar a discussão com o auxílio da reflexão de Maria Laura Puglisi Barbosa Franco⁵ (2018) em sua obra homônima.

Ao leitor mais curioso importa neste momento entender o conceito de análise de conteúdo. No decorrer de sua explanação, Bardin apresenta três definições de análise de conteúdo que são construídas estabelecendo uma relação de complementaridade. Para a autora, a análise de conteúdo é

um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Mas isso não é suficiente para definir a especificidade da análise de conteúdo. (BARDIN, 2016, p. 44)

De modo um pouco mais ampliativo,

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações. (BARDIN, 2016, p. 37)

E por fim, numa definição mais ampla e que a nosso ver é tomada pela a autora como a mais adequada para o entendimento do restante do texto. Trata-se de

Um conjunto de técnicas de **análise das comunicações** visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de **descrição** do conteúdo das mensagens **indicadores** (quantitativos ou não) que permitam a **inferência** de conhecimentos relativos às **condições de produção/recepção** (variáveis inferidas) dessas mensagens. (BARDIN, 2016, p. 48. Grifo nosso.)

⁵ Professora Livre Docente pela UNICAMP. Professora Titular aposentada da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Detenhamo-nos um pouco mais nesta última definição. Sendo uma metodologia de investigação parece-nos claro que se trata de um conjunto de técnicas, no entanto, técnicas estas voltadas para a análise. Por análise entende-se

Em geral, a descrição ou a interpretação de uma situação ou de um objeto qualquer nos termos dos elementos mais simples pertencentes à situação ou ao objeto em questão. A finalidade desse processo é resolver a situação ou o objeto nos seus elementos, de modo que um processo analítico é considerado bem-sucedido quando tal resolução é realizada. (ABBAGNANO, 2000, p. 51)

Analisar significa, portanto, decompor uma situação em elementos mais simples permitindo um entendimento do todo da situação pela assimilação de suas partes. As partes são tomadas em função do todo e da sua ligação com as outras partes. A análise não opera pelo isolamento de variáveis, mas pelo entendimento da função de cada variável ou elemento constituidor da situação.

Ampliando o entendimento da hermenêutica clássica, que se baseava somente na interpretação de texto escrito, a análise de conteúdo, apesar de utilizar com bastante frequência as descrições escritas e as transcrições, não se limita a este tipo de texto, expandindo seu campo de atuação para as comunicações em geral, inclusive para conteúdos midiáticos e até mesmo textos não verbais.

Descrever, na análise de conteúdo, mais do que listar palavras, gestos, sons ou imagens é tratar o continente buscando perceber exatamente a similaridade entre os conteúdos de maneira a tentar objetivá-los para um maior tratamento da informação. Em sua obra, Bardin estabelece a analogia entre a descrição analítica e a tarefa de organizar em caixas de sapato o conteúdo de bolsas femininas⁶.

Imagine-se certo número de caixas, por exemplo de sapatos, dentro das quais são distribuídos objetos, como aqueles, aparentemente

⁶ Cabe destacar que, mesmo levando em consideração nossa afeição ao feminismo, não nos pareceu que a autora tenha feito qualquer juízo de valor ou intenção pejorativa ao escolher tal exemplo.

heteróclitos, que seriam obtidos se se pedisse às passageiras de um trem que esvaziassem as bolsas. A técnica consiste em classificar os diferentes elementos nas diversas gavetas segundo critérios suscetíveis de fazer surgir um sentido capaz de introduzir alguma ordem na confusão inicial. É evidente que tudo depende, no momento da escolha dos critérios de classificação, daquilo que se procura ou que se espera encontrar. (BARDIN, 2016, p. 43)

A descrição da forma como proposta por Bardin leva inevitavelmente a criação de indicadores a partir de índices. O conjunto de objetos descritos e classificados a partir das bolsas das passageiras do trem são indicadores do que estas mulheres carregam em determinado horário, em determinado local quando andam de trem, no entanto, cabe destacar que a classificação posterior a descrição não é vazia de sentido e de certa forma atende aos objetivos de interpretar o conteúdo das bolsas. Como destacado na definição de Bardin, estes indicadores podem ser quantitativos ou não. O fato de em um determinado texto uma palavra ou uma classe de palavras aparecer mais do que a outra pode ser um indicador de maior ou menor importância, a depender do que estamos buscando em nossa análise.

A partir dos indicadores chegamos a um conceito central dentro da análise de conteúdo: **a inferência**. O termo inferência nasce no campo da lógica aristotélico-medieval e faz referência à procedimentos mentais que levam a uma conclusão a partir de dados anteriores. Segundo Bardin (2016, p. 44), “A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)”. Se os indicadores de um texto me mostram que foram usados grande número de termos técnicos (quantitativo) ou termos técnicos muito específicos de determinada área (qualitativo) conjugado com verbos impessoais, sou levado a inferir que se trata de um texto mais técnico, feito por especialistas para um público também especializado. Pode parecer óbvio, mas a análise de conteúdo busca também dar sustentação teórica às obviedades.

Para sermos mais específicos, estas inferências ou deduções lógicas, buscam

A superação da incerteza: o que eu julgo ver na mensagem estará lá efetivamente contido, podendo esta "visão" muito pessoal ser partilhada por outros? Por outras palavras, será a minha leitura válida e generalizável?

E o enriquecimento da leitura: se um olhar imediato, espontâneo, é já fecundo, não poderá uma leitura atenta aumentar a produtividade e a pertinência? Pela descoberta de conteúdos e de estruturas que confirmam (ou infirmam) o que se procura demonstrar a propósito das mensagens, ou pelo esclarecimento de elementos de significações suscetíveis de conduzir a uma descrição de mecanismos de que a priori não possuíamos a compreensão. (BARDIN, 2016, p. 35)

Compreender de forma otimizada as condicionantes da produção de determinado conteúdo e de sua recepção é o que nos chamou a atenção na metodologia da análise de conteúdo e é justamente este benefício da análise de conteúdo que pretendemos utilizar aplicado aos estudos de produção e recepção de mídia, mais notadamente na concepção de modos de endereçamento que podem ser entendidos como “processos que procuram convocar o espectador a tomar uma posição a partir da qual ele deve/pode ver ou entender o filme” (REZENDE FILHO, 2014).

Ao se analisar um conteúdo, busca-se responder questões que dizem respeito ao emissor da mensagem, ao processo de codificação, à própria mensagem, ao receptor e ao seu processo de decodificação. Em suma, questiona-se

O que levou a determinado enunciado? Este aspecto diz respeito às causas ou antecedentes da mensagem;
Quais as consequências que determinado enunciado vai provavelmente provocar? Isto refere-se aos possíveis efeitos das mensagens (por exemplo: os efeitos de uma campanha publicitária, de propaganda.). (BARDIN, 2016, p. 45)

Uma mensagem não é meramente um conjunto de letras agrupadas de forma inteligível. Uma mensagem não é apenas um conjunto de sons. Uma mensagem não é simplesmente o conjunto de quadros de filme exibidos em sequência. Ao ver uma mensagem posso ser levado a conhecer a fundo o contexto histórico, social, psicológico, comunicativo e tecnológico do emissor e do receptor. A mensagem não é um produto que vai de uma ponta à outra. Para Bardin (2016, p. 50), “A análise de conteúdo é uma busca de outras realidades por meio das mensagens”.

O objeto de pesquisa: O programa Globo Rural e a seção de cartas

O programa Globo Rural é um jornalístico focado nas questões relacionadas à produção rural e ao homem do campo veiculado pela Rede Globo de Televisão. No ar desde janeiro de 1980, o programa já teve edições diárias (2000 – 2014), mas tradicionalmente é exibido nas manhãs de domingo. Com duração de aproximadamente 60 minutos, o programa foi uma aposta que começou com poucos recursos em sala improvisada. No início, era gravado durante a madrugada de sexta para sábado por falta de estúdios livres durante o dia. As temáticas envolvem explicações sobre rotinas da atividade rural, cotações de *commodity* agropecuárias, previsão de tempo, agenda de eventos e festas tradicionais. Além destes quadros, destacamos a seção de cartas que existe desde os primórdios do programa, respondendo dúvidas de telespectadores que podem enviar cartas e, atualmente, e-mails para serem respondidos durante o programa por especialistas. Em muitos casos, as cartas e e-mails apresentam também fotos. Não raras vezes, o programa visitou os autores das cartas para responder as dúvidas *in loco*. Na maioria das vezes, os apresentadores ou outros jornalistas vão à centros de referência em pesquisas na área que envolve a dúvida do telespectador, como universidades, escolas técnicas agrícolas, além de empresas públicas e privadas de pesquisas agropecuária.

Com uma estética voltada para o homem do campo, o programa alcançou grandes picos de audiência sendo mantido pela emissora desde então com uma equipe duradoura para os padrões jornalísticos brasileiros. O consagrado repórter José Hamilton Ribeiro é presença no programa desde 1983 e os atuais apresentadores⁷, que também atuam como repórteres em campo, estão no programa desde 1996. De acordo com o site de memória da emissora, após as aprendizagens iniciais sobre o programa,

As reportagens passaram a dar mais ênfase ao lado humano dos trabalhadores rurais e, esteticamente, o programa investiu numa linguagem com referências cinematográficas, que se aproximava da

⁷ Este texto foi escrito em janeiro de 2019.

usada em documentários, com longos planos sequência e com mais imagens captadas em primeiro plano. As entrevistas passaram a ser feitas com microfones sem fio, na época um recurso técnico avançado, que contribuía para criar um clima de informalidade entre repórter e entrevistado. Houve também uma mudança de ritmo. A equipe começou a buscar um *timing* característico para o texto e as imagens das matérias, estabelecendo uma narrativa mais desacelerada e mais expositiva do que os demais jornalísticos da Rede Globo. Como explicou Humberto Pereira, essa mudança tinha a ver, principalmente, com o estilo de vida da audiência majoritária do programa. O homem do campo, seja o maior fazendeiro do país ou o mais humilde trabalhador rural, desconfia de tudo que é muito rápido. (MEMÓRIA GLOBO, 2018.)

A seção de cartas do programa recebe dúvidas relacionadas ao cultivo, às receitas culinárias, aos insumos agrícolas, aos agrotóxicos, à programação de eventos, à identificação de espécies, às publicações na área, à criação de seres vivos e até mesmo dúvidas sobre programas passados. De acordo com o site Memória Globo (2018), o objetivo principal era

colocar o telespectador a par da existência de órgãos que pudessem orientá-lo em questões técnicas e, principalmente, evitar a confusão entre a figura do repórter e a de um especialista em agropecuária. O premiado jornalista José Hamilton Ribeiro, que faz parte da equipe de reportagem do programa desde 1983, sintetiza essa postura profissional, ao afirmar que os jornalistas que dirigem e fazem o Globo Rural procuram conhecer cada vez mais seu campo de atividade, com o objetivo de se tornarem bons jornalistas, e não técnicos.

Nosso interesse no programa e na seção de cartas do mesmo se deve ao fato de nossa pesquisa estar inserida no *Campus* Piúma do Instituto Federal do Espírito Santo que tem como eixo principal de pesquisa, ensino e extensão os recursos pesqueiros. Como forma de entender os modos de endereçamento de vídeos relacionados à extensão agropecuária, estamos fazendo o levantamento de todos os vídeos da seção de cartas desde junho de 2016⁸ que tratam de temáticas relacionadas à Aquicultura que compõe, junto com a pesca e o processamento de pescado, a área de pesquisa em recursos pesqueiros.

⁸ A partir desta data os vídeos do programa encontram-se disponíveis e catalogados na plataforma *online* de vídeos da emissora

Dentre os episódios, selecionamos para a análise um da seção de cartas de 15 de julho de 2018 intitulado “Como acabar com as algas que aparecem no tanque dos peixes?”⁹ que foi transcrito para servir como material para ilustrar a análise de conteúdo que é o foco deste artigo. No episódio a telespectadora Jordana Pezzini, residente no município gaúcho de Santa Bárbara do Sul, pergunta por meio de carta sobre um tipo de “ferrugem” presente no espelho de água do tanque de criação de tilápias de seu pai. Ela envia foto e solicita ajuda do programa para resolver o problema que dificulta a alimentação dos peixes. A apresentadora Helen Martins apresenta a dúvida em estúdio, mas em seguida é apresentada a reportagem que a mesma fez ao visitar um tanque de criação de peixes na cidade de Palotina no Paraná que apresenta problema semelhante. A repórter é acompanhada do Engenheiro de Pesca Diogo Yamashiro que responderá a dúvida da telespectadora.

Metodologia: Análise de conteúdo do episódio transcrito

Nesta seção, pretendemos mostrar de forma aplicada como se dá a análise de conteúdo. É claro que, para os fins deste artigo, reduzimos nossa amostra a apenas um caso para que pudéssemos proceder a análise passo-a-passo. Cabe destacar, no entanto, que não apresentaremos uma sequência de passos rígida. A depender do conteúdo analisado, algumas etapas se apresentarão como improdutivas ou desnecessárias, enquanto que outras vão parecer mais urgentes do que as que primeiro foram apresentadas.

Seguindo o exposto por Bardin (2016) e Franco (2018), antes da análise propriamente dita (descrição e indexação) é preciso uma fase de pré-análise que começa com a leitura flutuante que consiste em “estabelecer contatos com os documentos a serem analisados e conhecer os textos e mensagens neles contidas, deixando-se invadir por impressões, representações, emoções, conhecimentos e expectativas” (FRANCO, 2018, p. 54). Em nosso cotidiano, como nos interessava os vídeos para a aplicação em práticas de extensão em

⁹ <http://g1.globo.com/economia/agronegocios/globorural/edicoes/2018/07/15.html#lv/6873215>

aquicultura, começamos a pesquisar os vídeos produzidos pelos mais diversos canais sobre o assunto. Com destaque para o jornalístico regional da TV Gazeta – ES intitulado “Jornal do campo” que ostenta o slogan “aqui fala quem faz”; passando pela produção do canal por assinatura Fish TV, especializado em recursos pesqueiros e que veicula o programa “Aqua Negócios” dedicado às práticas de aquicultura e, por fim, as produções da Rede Globo veiculadas pelo programa “Globo Rural”.

Como fase seguinte temos a escolha dos documentos, que consiste em “escolher o universo de documentos adequados para fornecer as informações sobre o problema levantado” (FRANCO, 2018, p. 55). No nosso caso, já existia um interesse prévio em materiais em vídeos, o que já delimita a escolha, no entanto, ainda não tínhamos um “problema levantado”. Este só foi aparecendo no decorrer da pesquisa, o que não é um problema para a análise de conteúdo, podendo ser resumido na seguinte questão: **As mensagens veiculadas pelo Globo Rural em vídeos que tratam da aquicultura refletem as opções editoriais do programa?**

No entanto, como nossa questão de investigação só foi concebida no decorrer da pesquisa, nossa escolha pelo jornalístico Globo Rural se deu tendo em conta a facilidade de acesso aos vídeos via plataformas de *Streaming* de vídeo da Rede Globo; bem como sua organização temporal e facilidade de busca no site que permitiria perceber mudanças ou inovações na veiculação da mensagem; a qualidade técnica das produções (a despeito de todas as nossas restrições aos posicionamentos políticos da empresa) e, por fim, a facilidade de encontrar análises jornalísticas, artigos científicos e produções acadêmicas que tratem das opções editoriais da empresa e do programa.

Esta escolha de documentos deve, quando possível, levar em consideração as regras da Exaustividade, da Representatividade, da Homogeneidade e da Pertinência¹⁰.

Por Exaustividade, ancorados em Franco (2018, p. 55), entendemos o esforço em considerar todo o *corpus* sobre determinado assunto. Cabe destacar que entendemos por *corpus* o exposto por Bardin (2016, p. 126), ou

¹⁰ Esta última regra não foi levantada por Franco.

seja, “O corpus é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos”. No nosso caso de análise, por exemplo, este *corpus* representa todo o conjunto de vídeos produzidos pelo Globo Rural e disponíveis na plataforma de *Streaming* de vídeo da emissora.

Por Representatividade entendemos a possibilidade do uso de uma amostra significativa que represente o universo inicial (*corpus*). De acordo com Bardin (2016, p. 127), “A análise pode efetuar-se numa amostra desde que o material a isso se preste. A amostragem diz-se rigorosa se a amostra for uma parte representativa do universo inicial. Neste caso, os resultados obtidos para a amostra serão generalizados ao todo”. No nosso caso de análise, por exemplo, a amostra se deu pela definição de que iríamos utilizar somente os vídeos da seção de cartas e somente os que tratassem de aquicultura. Para nosso objetivo de comparar os vídeos com as opções editoriais do programa esta amostra parece ser representativa, no entanto, como afirma Bardin (2016, p. 127) corroborada por Franco (2018, p. 56), quanto mais o corpus for heterogêneo maior deve ser a amostra. Cabe ressaltar que posso tratar como *corpus*, a depender dos meus objetivos de pesquisa, o conjunto dos vídeos do Globo Rural ligados à seção de cartas que tratam da aquicultura e diante disso trabalhar com uma amostra menor, reduzindo assim o *corpus* de análise e, conseqüentemente, o alcance da análise. O trabalho completo deve buscar fazer um levantamento comparando a amostra com outros vídeos da seção de cartas, bem como comparar a seção de cartas com outras seções ou qualquer outra análise que vise mostrar a representatividade da amostra. Conforme já dissemos, para fins deste artigo, vamos analisar somente um episódio.

Por Homogeneidade entendemos a busca por alguma similaridade estrutural, de código ou de meio no continente dos conteúdos a serem analisados. Para Bardin (2016, p. 128), “os documentos retidos devem ser homogêneos, isto é, devem obedecer a critérios precisos de escolha e não apresentar demasiada singularidade fora desses critérios”. No nosso caso de análise, por exemplo, a homogeneidade foi buscada quando decidimos analisar somente materiais em vídeo da seção de cartas que tratam da aquicultura. Nossa opção pela temática da aquicultura já foi explicitada

anteriormente, mas nossa opção pela seção de cartas se deu pelo fato de desejarmos fazer um jogo de palavras, já que nosso interesse maior é refletir sobre os modos de endereçamento¹¹, pensamos que os termos “cartas” e “modos de endereçamento” comporiam um bom título para trabalhos posteriores.

Por pertinência entendemos que os materiais selecionados para a análise devem condizer com os objetivos da análise, ou seja, se vamos analisar uma questão específica dos vídeos não há motivos para buscar outros materiais para a análise. Isto não exclui a possibilidade de você conhecer materiais que auxiliem na análise, mas o *corpus* de análise ou a amostra devem ser intrinsecamente conexas entre si. No nosso caso de análise, por exemplo, poderíamos ter buscado as próprias cartas ou a seção de cartas da revista impressa Globo Rural¹².

Para encerrar a fase de pré-análise, Bardin (2016) orienta que devemos fazer um levantamento prévio (*a priori*) de algumas hipóteses. Fica claro que estas hipóteses representam um conjunto de “desconfianças”, uma ação parecida com a da personagem Riobaldo de Guimarães Rosa (1978, p. 45) em seu Grande Sertão: Veredas “Eu quase que nada sei, mas desconfio de muita coisa”. Este conjunto de hipóteses é fruto de um conjunto de vivências do pesquisador ou do contexto social de produção do conteúdo que, ainda que não sejam confirmadas, podem orientar um primeiro olhar sobre o material.

De acordo com Bardin,

Uma hipótese é uma afirmação provisória que nos propomos verificar (confirmar ou infirmar), recorrendo aos procedimentos de análise. Trata-se de uma suposição cuja origem é a intuição e que permanece em suspenso enquanto não for submetida à prova de dados seguros. [...] Levantar uma hipótese é interrogarmo-nos: “será verdade que, tal como é sugerido pela análise *a priori* do problema e pelo conhecimento que dele possuo, ou, como as minhas primeiras leituras me levam a pensar, que ... ?” (2016, p. 128)

No nosso exemplo, poderíamos completar a frase proposta por Bardin da seguinte forma: será verdade que, tal como é sugerido pela análise *a priori*

¹¹ Teoria apresentada no Brasil, principalmente, pelos trabalhos de Elizabeth Ellsworth.

¹² <https://revistagloborural.globo.com/>

do problema e pelo conhecimento que dele possuo, ou, como as minhas primeiras leituras me levam a pensar, que **as mensagens veiculadas pelo Globo Rural em vídeos que tratam da aquicultura refletem as opções editoriais do programa?** Com isso, ou seja, da junção da hipótese provisória de exemplo proposta pela autora com a nossa “protoquestão” de investigação, temos um exemplo de hipótese provisória, ou seja, de que verdadeiramente o episódio selecionado reflete as opções editoriais do programa. Isso permitirá uma análise que busque indicadores que vão confirmar ou não a hipótese.

Feito isso é preciso então partir para um tratamento do conteúdo. No nosso caso e respeitando a tradição hermenêutica que sustenta este método, começamos por analisar um conteúdo textual. Foi necessário, então, realizar a transcrição do conteúdo do vídeo selecionado.

Paremos um momento para atentarmos à uma parte deste escrito que já nasce velha, pois trata de programas ou aplicativos que, talvez, quando da leitura deste artigo já não sejam mais funcionais, mas que foram essenciais para a análise de conteúdo. Certamente, outros programas ou aplicativos com funções mais avançadas surgirão e poderão continuar auxiliando nesta empreitada da transcrição.

O primeiro programa utilizado tinha por objetivo fazer o *download* do material em vídeo. No nosso caso usamos a Extensão para o navegador Google Chrome *All Video Downloader Professional*¹³ que nos permitiu realizar esta empreitada e termos o material disponível *offline* a qualquer momento da análise. O segundo programa foi o *Voicemeeter Virtual Audio Mixer*¹⁴ que possibilita que todos os sons reproduzidos no computador sejam entendidos como se estivessem vindo de um microfone, com isso, ao reproduzir o vídeo o computador interpreta que o áudio do vídeo está entrando no sistema pelo microfone. Isto permitiu que não tivéssemos que digitar todo o conteúdo do vídeo pois, ao reproduzi-lo ele já era automaticamente transcrito com o uso do nosso terceiro aplicativo: o site *Voice Dictation – online speech recognition*¹⁵

¹³ <https://chrome.google.com/webstore/detail/all-video-downloader-prof/mhgnbemghokalfakmkhpnbnneaoaigpnj>

¹⁴ <https://www.vb-audio.com/Voicemeeter/>

¹⁵ <https://dictation.io/>

que, como o próprio nome já diz, faz o reconhecimento da fala em uma plataforma *online*. A princípio, o site transcreve as palavras que entram pelo microfone. Como temos com o segundo programa um microfone virtual, as falas da matéria em vídeo foram facilmente transcritas necessitando apenas de alguns ajustes de pontuação e das nossas anotações (rubricas) como gaguejos e os nomes dos componentes dos diálogos e/ou falas¹⁶.

Com o material transcrito em mãos podemos passar para a busca dos índices que nos fornecerão alguns indicadores para a análise. O conceito de índice não nos pareceu muito claro nas duas autoras de referência, sendo que ambas apresentam os índices muito mais por meio de exemplos do que de conceituações. Para Bardin,

Se se considerarem os textos uma manifestação que contém índices que a análise explicitará, o trabalho preparatório será o da escolha destes - em função das hipóteses, caso elas estejam determinadas- e sua organização sistemática em indicadores.

Outro exemplo, o índice pode ser a menção explícita de um tema numa mensagem. Caso parta do princípio de que este tema possui tanto mais importância para o locutor quanto mais frequentemente é repetido (caso da análise sistemática quantitativa), o indicador correspondente será a frequência deste tema de maneira relativa ou absoluta, relativo a outros.

Por exemplo: supõe-se que a emoção e a ansiedade se manifestam por perturbações da palavra durante uma entrevista terapêutica. Os índices retidos ("hã", frases interrompidas, repetição, gagueira, sons incoerentes ...) e a sua frequência de aparição vão servir de indicador do estado emocional subjacente. (2016, p. 130)

Em outro exemplo, visando clarificar a ideia de índice, Bardin afirma que

Nas sessões de dinâmica de grupo, a maneira como os cinzeiros se enchem é, geralmente, um bom índice da ansiedade dos participantes! Um índice, na teoria semiológica, difere do sinal porque, tal como este, não é produzido voluntariamente. (2016, p. 168)

Se nos coubesse definir o que é um índice, diríamos que um índice é um componente presente em uma mensagem (nos mais variados textos em

¹⁶ Aconselhamos assistir ao tutorial em vídeo "Transcrição de Entrevista Automaticamente- Forma prática e eficiente!". Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=a07vnbsGyAQ> >. Acesso em: 01 ago. 2018.

diversos meios) que por sua frequência ou importância contextual pode indicar ideias maiores do que o signo comporta.

No nosso exemplo de análise, a depender de nossas hipóteses, poderíamos usar como índices a frequência de uma determinada palavra, o número de palavras diferentes e o número de repetição das mesmas, a quantidade de palavras por categorias gramaticais, a quantidade de palavras usadas por cada pessoa que participa do diálogo, os tempos verbais utilizados, o número de palavras com função fática, quais os tipos de imagens (enquadramentos e movimentos de câmera) que aparecem ligadas à cada texto, a ocorrência e frequência de termos técnicos, etc.

Estabelecidos e escolhidos os índices, passa-se à preparação do material. Nesta fase, se, por exemplo, trabalha-se com um texto escrito é hora de reler o material por diversas vezes fazendo anotações que permitam que os índices fiquem destacados. Estes índices irão gerar os indicadores. Por exemplo, muitas ocorrências de termos técnicos em um texto se comparado com um texto da mesma extensão pode ser um indicador de que um é um texto técnico e outro não. Neste momento o leitor deve ter pensado na obviedade do que acabamos de reafirmar, posto que já apresentamos esta ideia anteriormente. No entanto, este fato destaca o exposto por Bardin. Para a autora

É isto a análise de conteúdo, muitas vezes trabalho gratuito ou desconcertante. Mas a alegria do investigador é enorme quando o estudo "bate certo" (confirmação ou infirmação de uma hipótese, não importa, desde que se obtenham resultados), ou quando um "achado" permite que se siga por outra pista ou em direção a outras interpretações. (2016, p. 81)

No nosso exemplo e ancorados na nossa questão teremos como índice 1 o número de termos técnicos que aparecem no texto e índice 2 o número destes termos que foram explicados durante a reportagem.

Na Tabela 1 temos os termos técnicos que aparecem no texto, sua frequência e se foram explicados ou não, o que configura os nossos índices 1 e 2. É importante perceber que realizamos uma aproximação semântica de termos. Em programas computacionais que trabalham com análise de

conteúdo geralmente é feito o mesmo usando dos radicais das palavras, necessitando posteriormente uma análise do pesquisador já que, por exemplo, as palavras Microalgas e Algas do nosso exemplo não seriam tomadas com significados semelhantes, mesmo sendo Micro um prefixo internacional.

Tabela 1 - Termos técnicos, frequência e explicação

Termos	Frequência	Explicação
1. Microalgas/algas	6	Presente
2. pH	6	Ausente
3. Oxigênio/Oxigenação	5	Ausente
4. Ferrugem	3	Presente
5. Amônia	3	Ausente
6. Nitrito	2	Ausente
7. Kits comerciais/Kit de análise	2	Ausente
8. Oxímetro	2	Presente
9. Gases	1	Ausente
10. Dreno	1	Ausente
11. Variações de temperatura	1	Ausente
12. Qualidade da água	1	Ausente
13. Incidência de Radiação Solar	1	Ausente
14. Aeradores	1	Ausente
15. Reagente	1	Ausente
16. Alcalino	1	Ausente
17. Ácido	1	Ausente
18. Monitoramento	1	Ausente
19. Oscilação	1	Ausente

Fonte: Elaborada pelo autor

Partimos assim para a construção dos indicadores de análise. O fato de constarem no texto 19 termos técnicos com uma frequência de 40 menções pode ser algo significativo e tornar-se um indicador se levarmos em consideração que:

- Os termos técnicos representam 7,43% do total de palavras;
- Os termos técnicos representam 9,50% do vocabulário de palavras plenas¹⁷;
- A ocorrência de palavras técnicas é de 13,46% do total de palavras plenas;
- Do total de termos técnicos, 84,22% não foram explicados.

¹⁷ Palavras portadoras de sentido como verbos, adjetivos e substantivos.

Esta análise quantitativa fornece alguns indicadores como presença significativa de termos técnicos e a não explicação da maioria deles que podem nos levar a análise do conteúdo. De acordo com Bardin,

Os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos ("falantes") e válidos. Operações estatísticas simples (percentagens), ou mais complexas (análise fatorial), permitem estabelecer quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos, os quais condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela análise [...] O analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos - ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas. (2016, p. 131)

A presença significativa de termos técnicos nos leva a acreditar que é um texto produzido por ou para pessoas que detêm um certo conhecimento na área. Como podemos perceber os termos técnicos são trazidos pelo engenheiro de pesca. Isto pode ser um indicador que a mensagem foi baseada na experiência técnica do engenheiro e não levou em consideração o repertório teórico da autora da carta. Isto faz com que o texto se torne informativo, ou seja, seja portador de informações técnicas relevantes que não foram explicadas, mas que podem ser pesquisadas em outras fontes. Vejamos um trecho:

Engenheiro: Aqui a exemplo nós vamos coletar com os kits comerciais, tá? Para analisarmos a qualidade da água com relação a amônia, o nitrito e o pH, tá? E, também, com auxílio de um oxímetro para tá medindo taxa de quantidade de oxigênio.

Trecho da transcrição constante do ANEXO I

As explicações que aparecem na mensagem são na maioria das vezes feitas pela repórter que claramente traduz em uma linguagem mais simples o que foi falado pelo engenheiro ou que por ele não foi esclarecido, vejamos o exemplo da fala imediatamente posterior à mencionada anteriormente.

Repórter: O oxímetro é este aparelho que mergulhado na água por alguns minutos vai apontar a quantidade de oxigênio.

Trecho da transcrição constante do ANEXO I

Este fato também é reforçado por falas da repórter como, por exemplo, “Doutor Diogo explica que...” ou “Para analisar o pH da água, Diogo coleta...”. Caber destacar que o Engenheiro de Pesca Diogo Yamashiro não possui o título de Doutor, o que nos leva a pensar que a estratégia de o chamar de Doutor é uma tentativa de aproximação com um vocabulário mais campesino.

Em suas opções editoriais o programa Globo Rural deixa claro que o seu objetivo é jornalístico, ou seja, informar, indicando sempre que necessário que os telespectadores devem procurar a assessoria técnica e informando qual tipo de assessoria devem procurar. Se voltarmos à nossa questão inicial que era buscar perceber, por meio do conteúdo do vídeo se as mensagens veiculadas pelo Globo Rural em vídeos que tratam da aquicultura refletem as opções editoriais do programa e tendo claro que aqui utilizamos apenas parte da amostra com fim de explicar a metodologia, podemos **INFERIR** que o vídeo analisado e seu conteúdo refletem os posicionamentos editoriais do programa.

Conclusão

Talvez agora o leitor se pergunte em que a inferência de que o vídeo analisado e seu conteúdo refletem os posicionamentos editoriais do programa Globo Rural contribui para o nosso campo de atuação, a saber, a pesquisa em torno da educação para as ciências e a saúde¹⁸. A princípio, a análise de um único episódio não contribui muito, mas é importante salientar que em muitos cursos da área de Recursos Pesqueiros vídeos como o analisado são utilizados como ferramentas de formação, no entanto, estes vídeos foram criados com o objetivo informativo, levando a crer que o educador que o utiliza precisa estabelecer estratégias de reendereço que, de acordo com Rezende Filho (2014), constitui-se em ações/mediações produzidas pelo professor para inserir ou integrar uma referida obra audiovisual ao seu planejamento, adaptando e produzindo mediações significativas que produzem apropriações e adaptações das obras, de acordo com suas próprias intenções e leituras.

¹⁸ Este artigo foi produzido como requisito parcial para a conclusão da disciplina Desenvolvimento de Projeto de Pesquisa II do Doutorado em Educação em Ciências e Saúde do NUTES/UFRJ.

Nossa análise apresentou que a metodologia da análise de conteúdo tem uma forte sustentação teórico-epistemológico ligada à linha interpretativista hermenêutica. A busca por rigor na interpretação do conteúdo das mensagens deu a esta metodologia um forte caráter científico no interior das ciências humanas, oferecendo um tom de cientificidade tão cobrado desta grande área do conhecimento, principalmente por correntes positivistas de interpretação das ciências.

Fica clara a centralidade do conceito de inferência para a análise de conteúdo e como este conceito nasce de índices e/ou indicadores presentes na própria mensagem que são decodificados pelo pesquisador.

Tentamos demonstrar com nosso exemplo prático de análise de um episódio da seção de cartas do Globo Rural que a metodologia também pode ser aplicada aos estudos de mídia (*media studies*) e pode servir de base às pesquisas que tratam dos meios de comunicação de massa. Em nosso estudo levantamos, a título de exemplo, apenas uma hipótese que foi confirmada ao final, no entanto, descobrimos o enorme potencial para a construção de outras hipóteses e análise de realidades outras, pois, conforme afirma Bardin (2016, p. 52), a “análise de conteúdo é a manipulação de mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo) para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem”.

Oferecemos ao leitor um itinerário teórico baseado nos escritos de Lawrence Bardin e Maria Laura Puglisi Barbosa Franco que permitem uma apresentação da metodologia, seus pressupostos e implicações. Orientamos que cabe uma visita do leitor mais interessado às obras das autoras.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARDIN, Lawrence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.

ESTEBAN M. P. S. Pesquisa qualitativa em educação. Porto Alegre: ArtMed, 2010.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *Análise de conteúdo*. Campinas: Editora Autores Associados, 2018.

MEMÓRIA GLOBO. Globo Rural. Disponível em: <
<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/globorural/fotos-e-videos.htm> >. Acesso em: 30 jul. 2018.

REZENDE FILHO, Luiz Augusto Coimbra de (org). *Reendereço e Legibilidade no uso do Audiovisual na Educação em Ciências e Saúde (Projeto de pesquisa)*. Rio de Janeiro: s. n., 2014.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1978.

SCHLEIERMACHER, F. D. E. *Hermenêutica e crítica*. Ijuí: Unijuí, 2005.